

Uma história de megálitos do meio do Atlântico

Ian Vijay*



Uma história de megálitos do meio do Atlântico

I

Há uma nova estátua de Vasco da Gama à beira-mar em Angra do Heroísmo. Mesmo depois de três meses na ilha, paro para apreciar quando passo. Não é demasiado grande como a maioria das estátuas e a pequena figura de bronze parece um homem vivo, pensativo, alienado enquanto atravessa a praça de costas para o mar.



Quando seu irmão estava a morrer aqui, Vasco da Gama interrompeu o seu retorno da Índia para fazer o luto e permaneceu por cá por vários meses. A estátua lembra o lugar dos Açores no mito português; a posição do arquipélago como porta de entrada para o mundo. Traça um fio condutor de Lisboa através do Atlântico a Moçambique, Goa, Nagasaki e Malaca – uma história dos Descobrimentos de Portugal, que começam e terminam aqui.

Mas o burburinho é inquietante em Angra. E não é o lançamento do primeiro McDonalds da ilha, na Avenida de

Infante Dom Henrique – embora isso tenha gerado muita empolgação por si só.

Estou a falar de uma peça de cerâmica num bosque isolado, algures perto do meio da ilha Terceira. Um fragmento de cerâmica antigo – datado de dois ou três mil anos – encontrado, por um professor universitário local, aninhado dentro de um aglomerado de monumentos de pedra.

É um dia de verão açoriano perfeito quando Matilde e Lourenço, que amam este lugar, que passam um verão a mostrar-nos os seus tesouros, nos levam até lá.

A Terceira é a terceira maior ilha e a terceira a ser descoberta, e é verde em todos os tons. O pasto esmeralda cobre colinas onduladas acima da cidade velha de Angra; tons suaves de sálvia e oliveira marcam as florestas de Laurissilva no interior da ilha; e no seu centro, o verde-preto da montanha de Santa Bárbara ergue-se acima da ondulante paisagem abaixo. Tudo ao redor é azul – oceano por milhares de milhas; somos um pontinho distante no meio do Atlântico.



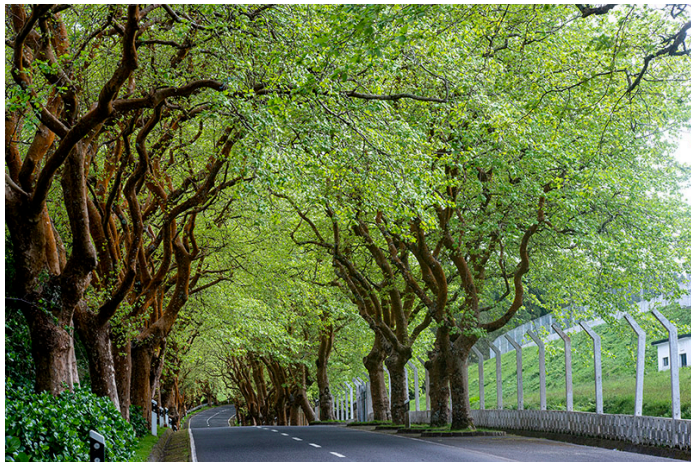
À medida que subimos ao sopé de Santa Bárbara, este espetáculo desdobra-se: as torres e campanários de terracota da cidade; as pequenas aldeias agrícolas com suas igrejas de estuque branco e buganvílias magenta; as sebes de hortênsias tão azuis que ecoam no céu. O carro faz uma curva e, sem perceber, subimos centenas de metros acima da costa – o mar um dossel distante, salpicado de ondas e golfinhos e refrações do sol do meio-dia.



(*) Vencedor do 2021 Travel Writing Competition (Concurso de Literatura de Viagem) promovido pelo site de literatura de viagem Globe Soup (www.globesoup.net). Ian Vijay cresceu numa família de herança mista, ocasionalmente trocando as colinas verdes do País de Gales por monções em Mumbai. Trabalha na política de mudanças climáticas e mora no sudeste de Londres. No seu tempo livre, toca piano, tem uma taxa de sucesso de 50% com plantas de casa e está a aprender a cuidar de dois gatinhos com o seu parceiro.

Tradução de Luís Mendes. Revisão literária da versão em português: o autor e Walter Pinto.

Fomos dar a um lugar indistinto, fora do caminho marcado, perto de uma ruína. Subimos por uma avenida de árvores tocadas pelo doce perfume de lírio-do-gengibre e cedro japonês. A floresta está silenciosa; há apenas o chamado melódico do dom-fafe e da alvéola. A encosta está carregada de pedras de basalto do tamanho de tumbas – temos que escalá-las para abrir caminho.



E à medida que subimos, características começam a manifestar-se: formas de tigela esculpidas na rocha; pedras achatadas umas sobre as outras; antas e santuários, atraindo-nos para dentro.

Aqui está a aldeia dos megálitos, escondida pela floresta. Murmuramos um para o outro de excitação: talvez os caçadores-coletores usassem as tigelas como moedores de grãos; o cromeleque como um templo. A atmosfera fica pesada, como o ar depois que a terra é virada; húmido, a fragrância dos povos antigos ao longo do tempo. Não sei se são os megálitos ou o frescor da floresta, mas a velhice do lugar prevalece. Quanta força deve ter sido necessária para colocar essas rochas umas sobre as outras; o que importa as pessoas apegadas a tudo isso.

II

É engraçado, porém, que no dia-a-dia ninguém parece prestar a este lugar ou a esta descoberta, qualquer atenção.

Sim, há alguma cobertura nas notícias diárias. “Pedaço de cerâmica na Terceira confirma a presença humana antes dos portugueses”, diz um jornal diário local na página oito. Para mim, no eixo Atlântico do Império Português, parece revolucionário; parece um sacrilégio. Eu estou fascinado.

Mas, na cidade, não é o mexerico da hora. A maioria das pessoas ainda prefere falar sobre o McDonalds. Se as pessoas se envolvem de todo, é num tom desinteressado. “Provavelmente não é o que o professor diz, mas por que não terão encontrado as ilhas antes dos portugueses?”

Quer dizer, certamente compreendo: existem prioridades maiores. Mesmo a dois mil quilómetros mar adentro, o espectro da pandemia atingiu o arquipélago. Os jornais mantêm uma contagem mórbida dos casos na vizinha São Miguel, e o aeroporto divulga as estatísticas dos testes.

Quando tento visitar, o Convento de São Gonçalo está fechado para proteger as suas freiras idosas. Corre o boato que na ilha do Pico uma menina testou positivo apesar de não ter contacto com o mundo exterior.

O museu da cidade está vazio num sábado. Não há turistas por aqui. Mascarado, vagueio pelas exposições com um guia silencioso, de ténis dourados, que acende as luzes e espera fora de vista. Atrevo-me a perguntar-lhe sobre o fragmento de cerâmica.

“Não é a primeira dessas afirmações”, diz ela. “Sabia que no século XVIII alguém encontrou uma moeda cartaginesa na ilha do Corvo?” Existem muitas referências pré-portuguesas às ilhas do Atlântico Centro, de Plutarco ao Atlas Mediceu, acrescenta ela.

Lembro-me de dois excêntricos desengonçados da série *Uma Aventura – os Cinco Famosos de Portugal* – que reivindicam o arquipélago como a Verdadeira Atlântida.

Movido por alguma compulsão de aborrecer todos os açorianos, trago de volta ao mesmo cada conversa – apesar de tudo indicar que só a mim excita.

Um dia, quando regressávamos de táxi à cidade, o motorista aponta para uma exposição ao ar livre sobre a flora e fauna autóctones dos Açores, fotografias ampliadas de borboletas e morcegos em painéis à beira da estrada.

“Não temos uma longa história”, diz ele, “mas temos uma natureza antiga e impressionante – onde mais você encontra mar, bosque e pradaria, todos na mesma vista?”

“Mas, senhor, não ouviu falar das construções em pedra que aqui existiam antes dos portugueses?” Peço ao meu namorado que pergunte em português, tocando no seu ombro com um sorriso ansioso.

“Eu não sei sobre isso”. O motorista faz uma pausa. “Mas você já ouviu falar do novo McDonalds? Ele abre a 10 de outubro.” Amaldiçoamos a nossa sorte – uma semana depois da nossa partida.

III

“Se a situação piorar, vou interromper as aulas – porque não se consegue fazer isto com máscara”, disse a minha professora de português, Maria de Lurdes, na nossa primeira aula. Ela olha-me nos olhos e ri. É uma vegetariana de cabelos curtos que, como muitos açorianos, passou décadas a trabalhar no duro na América, e agora faz caminhadas diárias na praia.

O seu irmão tem um snack-bar na Avenida Infante Dom Henrique. Eu pergunto a ela se ele está preocupado com o novo McDonalds. Ela faz uma careta com a menção da coisa, enquanto encolhe os ombros. “Ah, maçãs e laranjas – há espaço para ambos.”

Será que ela irá experimentar? “Não é para mim”, ela ri. Ela prefere o restaurante orgânico nos Jardins do Duque



da Terceira, onde pode desafiar os outros letrados da ilha. Ela desdenha os seus conterrâneos (são mentes fechadas, mexeriqueiros) – mas também quer que eu adquira os melhores hábitos dos terceirenses: aqui, corrige-me, não chamamos de aldeias, mas sim freguesias – freguesias, não aldeias. Eu escrevo as palavras no bloco de notas.

É o seguinte. Demoro um pouco para perceber, mas acho que encontrei a receita certa. Os açorianos não amam as ilhas pelo seu lugar na psique portuguesa, nem porque o Infante Dom Henrique, O Navegador, as encontrou. Adoram as ilhas quando andam de caiaque em mar aberto, quando celebram a Festa do Espírito Santo todas as primaveras e quando se empanturram de alcatra com massa sovada, batata doce e os bolos Dona Amélia.

E para os restantes, o professor e eu, talvez a cerâmica seja cativante não pelo desmantelamento da história nacional, mas pela mensagem humana – sobre capacidade, interconexão dos povos em tempos antigos. O próprio mistério – um povo desconhecido, uma rota que nunca conheceremos, um desaparecimento que permanecerá perdido para o pó da história.

Sou eu quem deseja que essas ilhas sejam a verdadeira Atlântida, as Ilhas Afortunadas, o *immrama* (epopeias irlandesas).

IV

Num sábado de setembro, vamos apanhar lixo na praia para pagar a nossa dívida para com o local e depois banhar no mar. Enquanto secamos ao sol, um jovem americano sente-se tagarela. Ele é da Appalachia; ele está satisfeito por sabermos onde fica – não me atrevo a dizer-lhe que sei disso pelo filme *Deliverance*. Ele conta-nos sobre a vida que o trouxe aqui. Ele viveu no Japão, Djibouti e Alemanha, diz ele (Okinawa, Lemonnier, Baumholder – uma panóplia de bases militares dos EUA). “Eu pude escolher onde posso estabelecer raízes, mas é aqui que escolho chamar de lar.” Ele estende-se, satisfeito consigo mesmo, no chão. Lourenço e Matilde permanecem em silêncio.

Ouvi dizer que ele voou de volta para casa para invadir o Capitólio.

Isto é o que eu acho que aprendi nos Açores: quando se encontra o paraíso, não se quer partilhá-lo. Cada americano, cada inglês, cada continental que aparece absorve um pouco da sua beleza. As ilhas estão no seu melhor quando as zonas de banho são tranquilas e ninguém interrompe a sua longa e meditativa caminhada até à caldeira do vulcão. Suponho que foi bom termos saído também.

Navegamos para a Graciosa, uma ilhota esparsa a quatro horas de distância. Há uma multidão de pessoas no cais quando o barco atraca: a nossa chegada é o entretenimento de sexta-feira, diz o motorista enquanto o nosso táxi serpenteia por colinas arborizadas. O lugar tem uma sensação de fim-do-mundo. O tempo está sombrio – cinzento e fechado – e o hotel situa-se numa rocha vulcânica escarpada com vista para o oceano de granito. O vento sopra fortemente; “A gente semeia e o vento leva! Ele é o poder do mundo!”, um morador contou ao escritor Raúl Brandão na década de 1920. Há uma ampla rampa nas proximidades, onde os baleeiros costumavam puxar a sua pesca fedorenta. Eu caminho ao longo de um terreno baldio entre a rocha e o mar, para encontrar os restos de um antigo forte construído por judeus que escaparam da inquisição portuguesa. Há apenas um marcador lá agora – “CEMITÉRIO JUDAICO” – inscrito num monólito de basalto. Como o povo do fragmento de cerâmica, também eles são agora um enigma.

De volta a Angra, na noite anterior à nossa partida a chuva está forte. Deslocamo-nos até à Avenida Infante Dom Henrique. O McDonalds, ao que parece, antecipou a sua data de abertura. Há uma fila de carros que se estende ao redor do quarteirão até ao centro da cidade. O prédio está brilhando à frente: aço verde novo em folha, telhado vermelho fresco, aqueles arcos em forma de “M”, dourados, brilhando acima. Estamos com fome, mas a fila de trânsito é muito longa: desistimos e vamos ao Burger King do outro lado da cidade.

Sinto a nossa partida como agulhas no coração; pesa em mim. Eu faço longas caminhadas pelos meus lugares favoritos. Amo as ilhas também, agora, amo o mar e a Dona Amélia e tudo o resto; quero ficar para sempre. Parece que encontramos família aqui. “Os açorianos sofrem muito com despedidas”, diz-me um amigo. A Maria de Lurdes chora na minha última aula; a mãe do Lourenço dá-nos abraços maternos e chora.

A notícia começa a espalhar-se: na verdade, ninguém nas universidades acredita no professor. A datação por carbono é espúria; existem lacunas enormes nas reivindicações – não menos importante, a falta de evidências, na Europa continental, da capacidade de navegação neolítica do tipo necessário para atravessar o Atlântico.

Não importa. Dou uma última corrida para absorver o máximo que posso do lugar. A oeste, o sol põe-se rosa sobre a ilha de São Jorge, e vejo o topo escarpado e translúcido do Pico – a montanha mais alta de Portugal – logo adiante. A este, norte, sul, não há nada – apenas o mar, o mar até à Gronelândia e Antártica. Somos uma aberração no oceano, contentes no nosso isolamento perfeito.

Let the Potsherd Strive: A Story of Mid-Atlantic Megaliths

I

There's a new statue of Vasco Da Gama at the seafront in Angra do Heroísmo. Even after three months on the island, I do a doubletake when I pass. It's not oversized like most statues, and the little bronze figure looks like a living man, pensive, aggrieved as he strides across the square with his back to the sea.



When his brother was dying here, Da Gama paused his return from India to mourn, and stayed on for several months. The statue reminds us of the Azores' place in the Portuguese myth; of the archipelago's position as gateway to the world. It draws a thread from Lisbon through the Atlantic to Mozambique, Goa, Nagasaki and Malacca — a story of Portugal's Discoveries, that start and end here.

But there is an unsettling buzz in Angra. And it's not the launch of the island's first McDonalds, on Avenida de Infante Dom Henrique — although this has generated much of its own excitement.

I'm talking about a piece of ceramic in an isolated woodland, somewhere near the middle of the isle of Terceira. An ancient potsherd — dated at two- or three-thousand years — found, by a local university professor, nestled within a cluster of stone monuments.

It's a perfect Azorean summer's day when Matilde and Lourenço, who love this place, who spend a summer showing us its bounty, take us there.

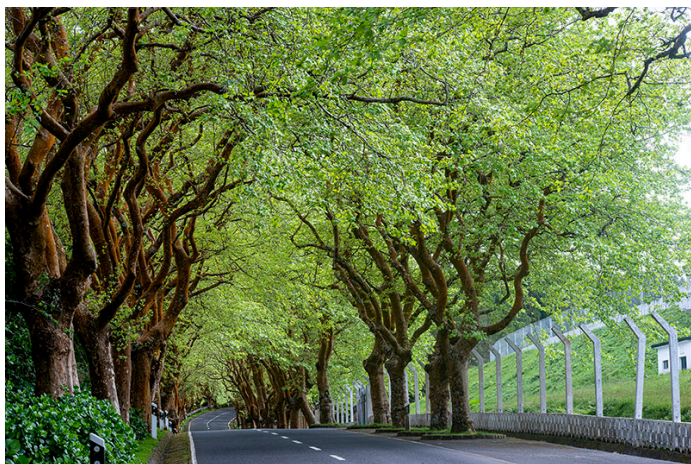
Terceira is the third-largest island and the third discovered, and is green of every hue. Emerald pasture blankets rolling hills above the old town of Angra; mellow tones of sage and olive dapple the laurel forests inland; and at its centre, the black-green of Santa Bárbara mountain rises above the undulating landscape below. All around is blue — ocean for thousands of miles; we are a distant speck in the mid-Atlantic.



As we drive up to the foothills of Santa Bárbara, this spectacle unfolds itself: the terracotta towers and steeples of the town; the little farming villages with their white-stuccoed churches and magenta bougainvillea; the hedgerows of hydrangea so blue it echoes the sky. The car turns a corner and, without realising, we have risen hundreds of feet above the shoreline — the sea a distant canopy, speckled by waves and dolphins, and refractions of the noon sun.



We alight in a non-descript place, unmarked, an off-road at a lane's edge. We ascend through an avenue of trees touched by the sweet scent of ginger-lily and Japanese cedar. The woodland is hushed; there is only the melodic call of the bullfinch and wagtail. The hillside is burdened with basalt boulders the size of tombs — we have to clamber over them to make our way.



And as we climb, features start to manifest: bowl-shapes carved into rock; flattened stones atop one another; dolmens and shrines, drawing us inward.

Here is the village of megaliths, concealed by the woodland. We murmur to each other in excitement: maybe the hunter-gatherers used the bowls as grain-grinders; the cromlech as a temple. The atmosphere takes on a heaviness, like the air after the earth is turned; damp, the fragrance of ancient peoples over the course of time. I don't know if it's the megaliths or the freshness of the forest, but the oldness of the place overwhelms. What strength it must have taken to put these rocks atop each other; what import the people attached to it all.

II

It's funny, though, that in the day-to-day, no-one seems to pay this place, or this discovery, the blindest bit of notice.

Yes, there's some coverage in the daily news. "Piece of pottery on Terceira confirms human presence before the Portuguese," one local daily says on page eight. To me, in the Portuguese Empire's Atlantic hub, it feels revolutionary; it feels a sacrilege. I am gripped.

But, in the town, it's not the hot gossip. Most people still prefer to talk about the McDonalds. If people engage at all, their tone is disinterested. "It's probably not what the professor says, but why shouldn't someone else have found the islands before the Portuguese?"

I mean, certainly I get it: there are bigger priorities. Even two-thousand kilometres out to sea, the spectre of the pandemic has touched the archipelago. The newspapers keep a morbid count of cases on nearby São Miguel, and the airport reports its testing stats. When I try to visit, the Convent of São Gonçalo is shuttered to protect its aged nuns. There is a rumour that on Pico island, a little girl tested positive despite having no contact with the outside world.

The town museum is empty on a Saturday. There are no tourists here anymore. Masked up, I wander the exhibits with a silent guide with golden sneakers who switches the lights on for me, and waits out of sight. I dare to ask her about the potsherd.

"It's not the first of these claims," she says. "Did you know that in the eighteenth century, someone found a Carthaginian coin on Corvo island?" There are many pre-Portuguese references to mid-Atlantic islands, from Plutarch to the Medici Atlas, she adds.

I remember two gangly eccentrics in the *Uma Aventura* series — the *Famous Five* of Portugal — who claim the archipelago as the True Atlantis.

Driven by some compulsion to bore every Azorean, I bring each conversation back to it — despite all indication that it excites only me.

As we return to town in a taxi one day, the driver points out an open-air exhibition of the native flora and fauna of the Azores, blown-up photos of butterflies and bats on road-side hoardings.

"We don't have a long history," he says, "but we have ancient and awesome nature — where else do you get sea and woodland and prairie all in the same vista?"

"But *senhor*, haven't you heard about the rock constructions that were here before the Portuguese?" I get my boyfriend to ask in Portuguese, tapping his shoulder with an eager grin.

"I don't know about that." The driver pauses for a time. "But have you heard about the new McDonalds? It opens on 10 October." We curse our luck — a week after we're due to leave.

III

"If the situation worsens, I'll stop the lessons — because you cannot do this with a face-mask," my Portuguese teacher, Maria de Lurdes, says at our first lesson. She looks me in the eyes and laughs. She is a short-haired vegetarian who, like many Azoreans, spent decades toiling in America, and now goes for daily walks by the beach.

Her brother runs a snack-bar on Av. Infante Dom Henrique. I ask her if he's worried about the new McDonalds. She grimaces at the mention of the thing, but shrugs. "Ah, they are apples and oranges — there's room for both."

Will she be visiting? "It's not for me," she laughs. She prefers the organic restaurant in the Duque da Terceira gardens where she can hound the island's literati. She expresses disdain for her fellow islanders (they are close-minded, they are gossips) — but she is also keen for me to pick up the best habits of Terceirian Portuguese: here, she corrects me, we do not call them *aldeias*, but rather *freguesias* — parishes, not villages. I write the words down in my notepad.

Here is the thing. It takes me a while to cotton on, but I think I've found the magic sauce. The Azoreans don't love the islands because of their place in the Portuguese psyche, or because Dom Infante Henrique, O Navegador, found



them. They love the islands when they go kayaking in the open ocean, when they celebrate the Festival of the Holy Spirit every spring, and when they gorge on *alcatra* with *massa sovada*, *batata doce* and sweet *Dona Amélia* cakes.

And for the rest of us, the professor and me, perhaps the pottery is compelling not for its dismantling of the national story, but because of its *human* message — about capability, the interconnectedness of peoples in times long-gone. The mystery of it — an unknown people, a route we will never know, a disappearance that will remain lost to the dust of history.

It is me who longs for these islands to be the real Atlantis, the Fortunate Isles, the *immrama*.

IV

One Saturday in September, we go litter-picking on the beach to repay our debt to the place and afterwards wash off in the sea. While we're drying under the sun, a young American man feels chatty. He's from Appalachia; he's pleased we know where that is — I daren't tell him I know it from *Deliverance*. He tells us about the life that brought him here. He's lived in Japan, Djibouti and Germany, he says (Okinawa, Lemmonier, Baumholder — a panoply of US military bases). "I've had the pick of where I can set down roots, but this is where I choose to call home." He stretches out, self-satisfied, on the concrete. Lourenço and Matilde look down at the ground.

I heard he flew back home to storm the Capitol.

This is what I think I learned in the Azores: when you find paradise, you don't want to share it. Every American, every Englishman, every mainlander who comes along picks away a little bit of its beauty. The islands are loveliest when the bathing zones are quiet, and no-one interrupts your long, meditative walk up to the volcano's caldera. I suppose it's good that we left, too.

We sail out to Graciosa, a sparse little island four hours away. There's a crowd of people at the dock when the ferry lands: our arrival is Friday's entertainment, the driver says as our taxi winds through wooded hills. The place has an edge-of-world feeling. The weather is grim — grey and close — and the hotel sits on craggy volcanic rock looking

out to the granite ocean. It is unrelentingly windy; "We sow and the wind blows it away! It is the most powerful force in the world!" a villager told the writer Raúl Brandão in the 1920s. There's a wide stone ramp nearby where whalers used to haul in their stinking catch. I walk along a scrubby wasteland between rock and sea, to find the remains of an old fort built by Jews escaping the Portuguese inquisition. There's just a marker there now — "CEMITÉRIO JUDAICO" — cut into a basalt monolith. Like the people of the potsherd, they are enigma now, too.

Back in Angra, the night before our departure, the rain is pelting. We drive to Av. Infante Dom Henrique. McDonalds, it turns out, brought forward its launch-date. There's a line of cars stretching around the block and into the town-centre. The building is gleaming up ahead: crisp green steel, fresh red roof, those bright golden arches shining above. We are hungry, but the traffic line is too long: we give up and go to Burger King on the opposite side of town.

I feel our departure like needles to the heart; it weighs on me. I take long walks to my favourite places. I love the islands too, now, I love the sea and the *Dona Amélias* and all the rest; I want to stay forever. We seem to have found family here. "The Azoreans have a thing about goodbyes," a friend tells me. Maria de Lurdes tears up at my last lesson; Lourenço's mother gives us maternal embraces and weeps.

News trickles out: As it happens, no-one in the universities believes the professor. The carbon-dating is spurious; there are massive holes in the claims — not least the lack of evidence, back in mainland Europe, for Neolithic sailing capacity of the kind needed to get across the Atlantic.

It doesn't matter. I take one last dash to drink in as much of the place as I can. At the west, the sun sets pink over the island of São Jorge, and I spy the craggy, translucent cap of Pico — Portugal's highest mountain — just beyond. At the east, north, south, there is nothing — only sea, the sea until Greenland and Antarctica. We are an aberration in the ocean, content in our perfect isolation.



(*) 2021 Travel Writing Competition Winner. Ian Vijay was brought up in a mixed-heritage family, occasionally swapping the green hills of Wales for monsoons in Mumbai. He works in climate change policy, and lives in southeast London. In his spare time, he plays piano, has a 50% success rate with houseplants, and is learning to raise two kittens with his partner.

